

É a Tradição que os cega!
– intertextualidade programática entre Jo 5,1-18 e Jo 9 como retórica
apologética joanina

Osvaldo Luiz Ribeiro

FABAT

<http://lattes.cnpq.br/1596908442976138>

Resumo:

o artigo defende que haja uma articulação programática entre Jo 5,1-18 e Jo 9,1-41, que responderia pela intenção narratológica de responder a inquietações específicas da recém-formada comunidade joanina. Expulsos das sinagogas, seus membros recordavam-se de que tanto eles mesmos quanto os judeus que os expulsaram foram testemunhas dos “sinais” que os teriam levado à “fé” em Jesus como messias, de modo que resultava incompreensível que eles tivessem crido e, os demais, não. A resposta se dá na forma da encenação programática dos dois modos histórico-teológicos de portar-se diante de Jesus – dentro da tradição, o que impede a fé, e fora da tradição, o que permite a fé.

Palavras-chave: tradição, fé, João 5,1-18, João 9,1-41, Evangelho de João

Summary:

The paper argues that there is a programmatic articulation between Jo Jo 5,1-18 and 9,1-41, which account for the narratological intention to respond to specific concerns of the newly formed Johannine community. Out of the synagogues, members recalled that both themselves and the Jews who drove them were witnesses of the "signs" that would have led to "faith in Jesus as Messiah, so incomprehensible that it was clear they had believed, and others not. The answer is there in the staging of two programmatic historical and theological ways of behaving before Jesus - in the tradition, which prevents the faith, and outside the tradition, which allows faith.

Key words: tradition, faith, Jonh 5,1-18, Jonh 9,1-41, Gospel of Jonh

Introdução

Trata-se, aqui, de um exercício articulado de investigação do *Evangelho de João*. O primeiro movimento consiste na série Rascunhos Joaninos, publicada em

ouviroevento¹ e ensaiada em Goiânia². O segundo movimento consiste no exercício, transformado em artigo e publicado aqui mesmo – Das Bodas de Caná – uma aproximação à luz do Prólogo de João³. Em atenção ao gesto generoso dos editores, desenvolve-se, agora, o terceiro movimento.

As três passagens tratam, sempre, do mesmo tema: a situação histórico-teológica da “comunidade joanina” em face da situação contrária – e antagônica! – dos “judeus”. É – em primeira instância – para responder às inquietações dessa comunidade recém-formada, e, por isso, ainda “aturdida”, que Jo 1,1-18, Jo 2,1-11(12), Jo 5,1-18 e Jo 9,1-41 são redigidos – e, naturalmente, lidos para a comunidade.

Neste artigo, concentrar-se-á, naturalmente, e Jo 5,1-18 e Jo 9,1-41, de um lado, observando sua constituição própria e, de outro, revelando a sua articulação programática – como se as duas narrativas tivessem sido escritas ao meso tempo, fizessem parte da mesma estrutura narratológica, atendessem ao mesmo imperativo retórico.

Para atender ao objetivo proposto, primeiro, analisa-se Jo 5,1-18. Em seguida, Jo 9. Finalmente, chama-se a atenção do leitor para as interações programáticas que se cuida poder atestar nas narrativas⁴.

João 5,1-18 – descrevendo a cena

Das quatro que compõem a narrativa, a primeira “cena” começa dando conta de que, em razão da celebração de uma festa judaica, Jesus sobe a Jerusalém (Jo 5,1). Aí, continua a narrativa (v. 2), havia uma “piscina”, chamada Betesda, dita situada à “porta dos rebanhos”, à qual acorriam enfermos de toda sorte – “cegos, coxos e mutilados”, na esperança de testemunharem e, assim, beneficiarem-se do “movimento” das águas (v. 3), reputado à ação benfazeja de um anjo (v. 4).

Insistindo nisso havia 38 anos, lá permanecia um enfermo (v. 5). *João* afirma que Jesus o teria visto deitado e, aproximando-se, perguntara: “queres curar-te?” (v. 6), ao que o enfermo responde que não tem quem o leve, para tanto, às águas

¹ Cf. <http://www.ouviroevento.pro.br/rascunhosjoaninos/rascunhosjoaninos.htm>.

² Cf. <http://www.ouviroevento.pro.br/congressosepalestras/ainvencaodocristoceleste.htm>.

³ Cf. <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos3/Osvaldo.pdf>.

⁴ Para acesso às passagens do Evangelho de João, utilizou-se a versão de SCHÖKEL, L. A. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.

daquele modo agitadas – era sempre outro a chegar à frente (v. 7). Jesus, contudo, manda que o enfermo se levante, tome o seu leito e ande (v. 8). Dito e feito – “imediatamente esse homem ficou curado, pegou o leito e pôs-se a andar” (v. 9a).

Mas era sábado (v. 9b). Sendo-o, os judeus se aproximaram do recém-curado e lhe fizeram saber que não podia, por isso, carregar o leito (v. 10), ao que o recém-curado retruca que fora o homem que o curara quem o mandara tomar o leito e andar (v. 11). Os judeus, então, querem saber quem é o homem que fizera e dissera tais coisas (v. 12). Mas o recém-curado não sabe dizer, ou, mais plausivelmente, “apontar”, “pois Jesus se havia retirado de lugar tão concorrido” (v. 13).

João, então, dá a saber que, contudo, “mais tarde, Jesus o encontra no Templo, e, então, lhe diz: “vê: estás curado. Não voltes a pecar, para que não te aconteça algo pior” (v. 14). Nos termos da narrativa, então, o recém-curado vai até os judeus e lhes diz que fora Jesus quem o havia curado (v. 15). Informados, os judeus “perseguiam Jesus por fazer tais coisas no sábado” (v. 16). Tendo ouvido suas críticas, Jesus retruca: “meu pai continua trabalhando e eu também trabalho” (v. 17). Ainda mais empenhadamente, então, por isso, os judeus “tentavam matá-lo”, dado que não apenas violava e fazia violar o sábado, mas dizia ter por pai o próprio Deus, fazendo-se igual a ele (v. 18).

João 5,1-18 – estruturando a cena

Jo 5,1-4	A tradição do anjo que agita as águas de Betesda
Jo 5,5-9a	A “cura” operada por Jesus
Jo 5,9b-13	A acusação contra Jesus de quebrar a tradição
Jo 5,14-18	A permanência do enfermo, recém-curado, na tradição

João 5,1-18 – analisando a cena

Deixada de lado a referência à “festa”, ela, em si, já, uma “tradição”, a cena (v. 1-4) abre-se objetivamente com uma referência à tradição “popular” – fenômeno mágico/místico relacionado às águas da piscina de Betesda. Inúmeros enfermos estavam vinculados a ela e, entre eles, o enfermo que será “escolhido” por Jesus.

O segundo ato (v. 5-9a) abre-se dando a saber ao leitor que o enfermo que será curado estava já 38 anos vinculado à tradição mágica/mística da piscina. Dirigindo-se a ela, Jesus ordena que ele se levante, tome seu leito e vá cuidar da vida. O que ele faz. A “cura” de Jesus se dá “acima” de uma tradição, superando-a. Não se trata de uma “polêmica” em relação a ela – trata-se simplesmente de uma superação. Tornam-se desnecessários o anjo, as águas, e chegar à frente. Em sendo assim, a cura se materializa. O enfermo, agora, pode levantar-se, e levanta-se, tomar o leito, e toma-o, e andar.

Ao lado da primeira cena, e, agora, fechando a segunda cena, o terceiro ato (v. 9b-13) traz de volta uma “tradição” – e, dessa vez, uma tradição significativa: o sábado (MATEOS E BARRETO, p. 252). À luz dessa tradição significativa, o homem, recém-curado, não importa, não podia tomar seu leito e carregá-lo, porque isso configura quebra da “tradição”. Mas era rigorosamente o que o enfermo estava fazendo – carregando, num sábado, seu leito, desrespeitando, assim, o sábado. Resta ao recém-curado defender-se: um homem mandou eu me levantar, tomar meu leito e andar... Quem? Não está mais aqui. Fecha-se a cena três.

O quarto ato (v. 14-18) abre em novo cenário. Não estamos mais nos arredores da piscina de Betesda. Estamos no Templo. Jesus encontra lá o homem que curara. Jesus lhe diz duas coisas – uma óbvia e outra que assume proporções mais interessantes à luz de Jo 9,1-4(ss). A primeira é a constatação da cura – a cura, em si, independe de qualquer coisa. A segunda, curiosa: “não voltes a pecar, para que não te aconteça coisa pior”. Estão presentes, nesse ato, duas tradições – a) a visita ao templo e b) as teologias cotidianas, que buscam explicar os sofrimentos da vida (nesse caso: as doenças constituem o resultado de pecados). É muito curioso flagrar “Jesus” recorrendo a ela – se é que esse é o caso...

Com efeito, o homem curado dirige-se aos judeus e, agora sim, pode apontar quem fora o responsável por sua cura e, o mais importante, infração da lei. Abordando-o, os judeus confrontam a Jesus, naturalmente pelo fato de ter não apenas “trabalhado” no sábado, mas também pelo fato de ter levado o homem enfermo a igualmente transgredir os costumes da lei. Diante do que, a resposta de Jesus não podia ser mais transgressora – “meu pai trabalha até hoje, porque eu deveria ‘descansar’”? Com um só movimento, Jesus transgride a tradição do “sábado”, para tanto transgredindo a tradição do “descanso de Deus” – relativo à criação – e, para perplexidade dos judeus, nos termos de sua interpretação, “igualando-se a Deus”. Os judeus, agora, não querem mais simplesmente confrontá-lo – querem matá-lo...

Em toda a cena, a cura é mero pretexto – e não apenas para os judeus, que se baseiam nela, pelo fato de ter-se dado em um sábado, para confrontarem Jesus. O tema efetivamente recorrente em toda a cena é: a tradição. Tudo gira em torno dela. A tradição da festa, a tradição das águas de Betesda, a tradição do sábado, a tradição do templo, a tradição das origens das doenças e das desgraças, a tradição do “descanso de Deus”. Os personagens são descritos, todos, sem exceção, em relação a elas.

O enfermo, enquanto passara a vida – 38 anos! – vinculando-se à tradição, experimentara uma existência enferma, doente. Jesus o cura, entretanto, por meio de um ato imperativo, sem nenhum vínculo traditivo – e, o que é relevante, tão pouco estabelece uma tradição em torno de seu ato terapêutico. As ordens são simples e diretas: levanta, toma o leito e anda. O que o homem faz – até ser interpelado pelos judeus, guardiães da lei. Jesus, contudo, afasta-se. Não há, por ora, como ser “apontado”.

É que a narrativa precisa transferir os próximos atos para outro cenário – o Templo. Essa transferência não é circunstancial. Ela é central. Jesus vai até o templo – para lá encontrar-se com o homem que curara. Em termos narratológicos, é intencional o encontro. A narrativa utiliza-se dele para dizer o que tem a dizer.

E é o seguinte: curado, o homem, contudo, não se desvincula da tradição. Antes, permanece tão arraigado nela que logo se encaminha para o Templo, ao lado das sinagogas – logo se verá a sua função em João 9 –, centro nervoso da “tradição”, ao mesmo tempo, útero e sepulcro dos “costumes” da lei... “Agora ele está integrado na comunidade judaica, *demais até* (cf. v 15!)” (KÖNINGS, p. 155 – grifo meu). É porque, com suas próprias pernas, o recém-curado retorna à tradição – e isso é importante! – que o narrador faz Jesus devolver seu “paciente” ao mundo de onde achara ser possível tirá-lo: a tradição. Essa – me parece – é a função, em Jo 5 (diferentemente de Jo 9), da referência à “teologia” dos pecados como causa das doenças. Se o recém-curado quer permanecer na tradição, que se saiba, então, que se submete a todas as suas injunções: a cura é possível, mas – não se ouvirá a declaração em Jesus 5! – não a “salvação”, nem a “fé”. Porque a “salvação”, isto é, a “fé”, depende de o sujeito *sair* da tradição. Os que permanecem na tradição excluem-se da “salvação”, porque se excluem da “fé”. Ainda que sejam objeto dos “sinais” – das curas – não podem “enxergá-las” como tais, como sinais, porque é necessário, antes, sair da tradição, para que a “luz se faça”.

João 9-1,41 – descrevendo a cena

De passagem, Jesus e seus discípulos avistam um cego de nascença (v. 1), ocasião para que estes lhe perguntem quem dos pecadores da família é o culpado pela desgraça (v. 2), a que Jesus responde que a questão em jogo é outra – a “revelação”, nele, da “ação de Deus” (v. 3). Sendo e enquanto é dia, argumenta Jesus, os discípulos devem trabalhar na obra de quem o enviara – referência implícita ao “Pai” (v. 4) – e, enquanto está no mundo, ele, Jesus, é a “luz do mundo”.

A cena da cura em si dá conta do seguinte. Jesus cospe no chão, prepara um pouco de barro, resultado da saliva e da terra amassados, com isso “unge” os olhos do cego (v. 6) e o manda que se lave na piscina de Siloé. Ele vai – e volta enxergando (v. 7).

Toda a narrativa, agora, concentra-se nos acontecimentos a partir do retorno do ex-cego. Seus vizinhos e antigos benfeitores estão surpresos (v. 8). Uns dizem que é o mesmo cego, outros, que não, enquanto ele mesmo insistia: “sou eu” (v. 9). Passa-se, então, a se querer saber o que houve (v. 10), o que ele conta assim: “esse indivíduo que se chama Jesus fez barro, ungiu-me com ele os olhos e me disse que fosse lavar-me na fonte de Siloé. Fui, lavei-me e recuperei a visão” (v. 11). E onde ele está? Ele não sabe (v. 12).

Levam-no, então, aos fariseus (v. 13), ponto em que a narrativa lembra-se de informar que “era sábado o dia em que Jesus fizera barro e lhe abrisse os olhos” (v. 14). Os fariseus, então, querem ouvir a história, e ele conta assim: “aplicou-me barro nos olhos, lavei-me e agora vejo” (v. 15). Correm, entre os fariseus, diversas observações quanto a Jesus e ao que fizera – “não é de Deus”, “mas como faz sinais?” –, de modo que estavam “divididos” (v. 16). Perguntam ao ex-cego o que ele mesmo pensa sobre Jesus: “é profeta” (v. 17).

A narrativa informa, então, que os fariseus põem dúvidas sobre ter sido o homem de fato curado – ele nunca fora cego, vai ver. Chamam os pais (v. 18). Os fariseus interrogam-nos (v. 19) e eles confirmam que o homem era seu filho e que fora cego (v. 20), mas alegam que nada podem dizer quanto a quem o curara, mas que o próprio filho deve responder por si (v. 21). O narrador “sabe” por que os pais

recusavam a comprometer-se: é que os fariseus já haviam decidido, ele diz, que aquele que confessasse Jesus como Messias seria expulso da sinagoga (v. 22), pelo que deviam os fariseus é perguntar ao filho, não aos pais (v. 23).

Lá vão, então, os fariseus para um segundo interrogatório. Mas querem mais, agora: querem que o homem denuncie Jesus como um pecador (v. 24). Sua resposta é sábia: “se é pecador, não sei. De uma coisa estou certo: eu era cego e agora vejo” (v. 25). E querem, de novo, saber como Jesus lhe abriu os olhos (v. 26). A sua resposta, agora, torna-se menos formal. Alega que já disse o que houve, e os fariseus não creram. Porventura a nova insistência se traduziria em recente interesse pedagógico? (v. 27). Sentem-se insultados os fariseus e se declaram discípulos de Moisés, não de Jesus – ele, o ex-cego, sim, era discípulo dele (v. 28). O que os fariseus sabem é que Deus falou é a Moisés, mas, quanto a Jesus, sequer sabiam de onde vinha (v. 30). Diante disso, o ex-cego argumenta que é “estranho” que os fariseus não saibam de onde ele, Jesus, venha, e, que, não obstante, tenha ele o poder inusitado de curar cegos de nascença, coisa que não se poderia fazer sem Deus (v. 31-33). A atitude “rabínica” do ex-cego deixa os fariseus tão ofendidos que o expulsam da sinagoga.

Ora, tendo Jesus ouvido falar que o homem fora expulso, quando o encontra, inquire-o acerca de sua “fé” – “crês nesse homem?” (v. 36a). Mas o ex-cego não sabe, exatamente, “quem ele é” – “quem é, Senhor, para que eu creia nele?” (v. 36b). Jesus responde que se trata daquele que o ex-cego em pessoa vê, aquele que fala com ele (v. 37). E, então, o ex-cego prostra-se diante dele e manifesta a sua fé (v. 38).

Nesse ponto, o narrador põe Jesus a declarar que sua missão é “instaurar um processo” – “para que os cegos vejam, e os que vêem fiquem cegos”, ele diz (v. 39). Aí e para isso postos pela narração, alguns fariseus questionam-no: “estamos cegos”? (v. 40). Ao que Jesus responde: “se estivésseis cegos, não teríeis pecado; porém, como dizeis que vede, vosso pecado permanece” (v. 41).

João 9-1,41 – analisando a cena

A – digamos assim – primeira cena de Jo 9 abre-se com duas referências “implícitas” (modernamente, vetores de intertextualidade) ao fechamento de Jo 5,1-18. De um lado, a) a referência à teologia do pecado como a causa das

doenças e, de outro, b) a referência ao “trabalho de Deus” (cf. 9,1-3 x 5,14b e 9,4 x 5,17). É como se Jo 5,1-18, de um lado, “em cima”, e Jo 9, de outro, “embaixo”, pudessem compor “um só rolo”, o início de Jo 9 seguindo-se ao final de Jo 5,1-18 (o que não se está, aqui, transformando em “tese” de crítica textual)⁵.

Em toda a narrativa, a “cura” joga um duplo papel – de um lado, pede que seja tomada literalmente, e, nisso, incorpora a dimensão do “sinal” (v. 16), isto é, o “manifesto”; de outro lado, a cura tem um papel simbólico, apresentado cenicamente: o barro é colocado sobre os olhos do cego, e representa, então, o estado de cegueira “próprio” dos “judeus”. O barro em si não tem papel terapêutico (nem mágico) na estrutura narrativa – ele tão-somente atualiza, plasticamente, o estado de cegueira “natural” dos “outros”. Fato é que a cura em si se dá quando do encaminhamento do cego à piscina do “Enviado”. Lá, sim, lavando os olhos, isto é, “tirando o barro” dos olhos, aí, então, e só aí, é que o cego passa a ver. Moral da história: o barro joga como símbolo da cegueira característica dos judeus (bem entendido: sempre aos olhos do narrador!), que precisa ser tirada dos olhos, o que só é possível se eles se dirigem ao Enviado. É o que, narratologicamente, o cego faz. Com os olhos cobertos de barro, aceita a instrução de Jesus, vai ao tanque, lava os olhos e... passa a ver.

Começa, aí, uma nova fase na narrativa. O recém-curado é levado aos fariseus, que o interrogam. Há uma animosidade presente. Eles estão cientes das questões envolvidas: ninguém pode fazer sinais, salvo se Deus operar por meio dele. E, contudo, já estão decididos a não aceitar o reconhecimento messiânico de Jesus, de modo que não há nada que se lhes possa dizer, se, no final das contas, se trata de dar crédito a Jesus – porque é tudo que eles não querem.

Um detalhe importante é o fato de que o cego não “sabe” quem é Jesus. Instado a dar conta de suas impressões, cuida tratar-se de um profeta. Os fariseus, da sinagoga, querem dirigir seus pensamentos, suas palavras, seu raciocínio – mas ele tem a sua própria forma de enxergar os fatos. Jesus lhe “abriu os olhos”. Quem é Jesus, ele não sabe, mas uma coisa é certa – ele, agora, vê, e, em última análise, isso não pode vir senão de Deus...

O recém-curado põe-se numa posição tão antagônica em face dos interesses farisaicos que é expulso na sinagoga. O medo de seus pais não era infundado. No

⁵ Entretanto, R. E. Brown concebe a “formação” do Evangelho de João em pelo menos quatro fases, a que corresponderiam diferentes porções do atual conjunto canônico (cf. BROWN, p. 20-23). Para uma discussão quanto a um postulável “reordenamento” dos capítulos 4, 5, 6 e 7, cf. KÖNINGS, p. 167s.

entanto, aquele que fora cego a vida toda, não estava disposto a negociar sua cura, e preferia a expulsão à traição. É, pois, expulso – o que, não passe despercebido, seria o destino de inúmeros judeus (Jo 16,1-5)⁶. Não é de todo arriscado considerar-se que a “comunidade joanina” era composta justamente de judeus expulsos da sinagoga – ao menos, sua base nuclear, seu fundamento, e, evidentemente, sua liderança. Não é por outra razão que o destino do cego de nascença é o mesmo deles – porque, em termos narratológicos, eles são ele.

O ápice homilético da narrativa encontra-se – a meu ver – no verso 35. A narrativa “sabe” – e faz-nos saber – que, ouvindo da expulsão (da “sinagoga” – da “comunidade”) do cego, é então aí que Jesus vai inquiri-lo sobre a fé. O recém-curado, agora expulso de sua comunidade religiosa, não sabe nada de Jesus além do que pôde apreender de sua própria experiência. Jesus, agora, o interpela diretamente, olho no olho. E – fora da comunidade, fora da sinagoga, fora da tradição –, aberto à “fé”, ele se prostra diante de Jesus. Nos termos da retórica joanina, ele “viu” o sinal...

A prédica de Jesus não podia ser mais clara – e, no entanto, pode enganar (isto é, se não entramos na narrativa agarrando-nos às observações prévias). Com a vinda de Jesus ao jogo, os cegos veriam, ao passo que os bem dotados de vistas ficariam cegos. É um enigma, cuja chave é dada, pelo narrador, por meio da pergunta posta na boca dos fariseus: “e nós – estamos cegos?”. Jesus responde-lhes que, se fossem cegos – isto é, como o cego de nascença –, então, nesse caso, não teriam (mais!) pecado, porque, à semelhança dele, deixar-se-iam curar por Jesus, isto é, seus olhos “seriam abertos”. Entretanto, eles “se julgam” portadores de luz, eles cuidam “ver”, de modo que, não se reconhecendo cegos, não podem ser curados, já que não vêem em si necessidade de cura, são sãos, permanecendo sobre eles a sua condição própria e “natural” de pecado...

João 56,1-18 e Jo 9 – intertextualidade programática

O sentido de João 5,1-18 só pode vir à tona com toda nitidez quando e se “confrontado” com João 9 – e, da mesma forma, João 9 só pode ser plenamente apreendido à medida que se lhe compara a narrativa de João 5,1-18. E eu diria que esse fenômeno é proposital, ligado ao fato de que se trata da descrição

⁶ Por exemplo, é o que diz BROWN, R. E. *A Comunidade do Discípulo Amado*. 2 ed, São Paulo: Paulinas, 19784, p. 20.

programática de dois modos “histórico-teológicos” de reação diante de Jesus, cujo pano de fundo é o tema dos “sinais”, no quadro da “aceitação” ou “negação” de Jesus. A questão de fundo é: se todos os judeus presenciaram os sinais, porque uns creram e outros, não, se os sinais revelavam a autoridade divina de Jesus? E a resposta é, ao passo que muito simples, uma absoluta inversão da função dos sinais na tradição sinótica: não são os sinais que levam à fé, é a fé que faz os sinais evidentes. E, se sim, qual é a condição para “ver” os sinais, isto é, para alcançar a fé que, a seu tempo, faz visíveis os sinais? Resposta- abandonar a tradição... Numa palavra: abrir os olhos⁷.

Que João 5,1-18 *deve* ser lido ao lado de Jo 9 fica muito evidente quando se comparam as duas narrativas:

Em Jo 5, um enfermo é curado, mas não chega à fé	Em Jo 9, um cego é curado e chega à fé
Em Jo 5, o curado permanece na tradição – templo	Em Jo 9, o curado abandona a tradição – é expulso da sinagoga
Em Jo 5, o encontro decisivo entre Jesus e o curado se dá após o retorno do curado à tradição	Em Jo 9, encontro decisivo entre Jesus e o curado se dá após a sua expulsão da tradição
Em Jo 5, o enfermo apenas é curado, mas não chega à fé, porque permanece na tradição	Em Jo 9, o cego tanto é curado quanto chega à fé, porque rompe com a tradição

Lidas assim, em mútua interligação programática, esclarece-se uma questão já levantada. Em Jo 5, Jesus devolve o curado à sua tradição, caso em que faz aplicar-se a ele a máxima de que os pecados causam doenças. Nesse caso, uma vez que deseja retornar à sua própria tradição, onde vigora tal “lei”, Jesus lhe dirige a palavra: “não tornes a pecar, para que não lhe suceda algo pior”.

No entanto, quando, em Jo 9, os discípulos mencionam a mesma máxima, querendo saber de Jesus de quem é o pecado que trouxe cegueira ao cego, Jesus recusa-se a aplicar ao caso o costume da tradição, “esclarecendo” que se trata tão somente da oportunidade da manifestação das obras de Deus.

⁷ Quanto à inversão da função dos sinais em *João* – não são *para gerar fé*, mas só o *são diante da fé* –, cf. RIBEIRO, O. L., Das Bodas de Caná – uma aproximação à luz do Prólogo de João, *Revista Jesus Histórico*, v. 2, 2009.

Não se trata de dois pesos e duas medidas⁸. Trata-se de um indicativo narratológico: aqueles que se mantêm vinculados às suas tradições estão como que aprisionados a elas. A “liberdade” significa o rompimento com “costumes”, “teologias”, “leis”, que, a seu tempo e modo, funcionam como “calhas” e “leitos” de rios, circunscrevendo de modo sobredeterminante a vida que corre aí. Como o enfermo retorna ao Templo – isto é, à tradição – ele retorna para o “jogo” que aí se joga. Já o cego, expulso da sinagoga, abre-se para uma nova concepção de vida, e, com isso, rompe positivamente com as mesmas leis, costumes e tradições dentro das quais vivia e sua vida “ganhava” sentido. É, portanto, programática a referência à teologia do pecado como causa das doenças – e o fato de as duas passagens tratarem a questão de modo contrário não constitui uma contradição, mas um indicativo teológico, que, pode-se arriscar, devia ser mais “claro” durante a leitura pública do Evangelho, seja por conta de uma *performance* oral de leitura, seja pelo fato de que o “tema” é uma resposta direta às inquietações da comunidade.

Também se pode argumentar com base em outra marca narratológica: nem o enfermo nem o cego “conhecem” – isto é, “sabem quem é” – Jesus. Se ele está presente, podem “apontá-lo”, mas tudo quanto podem dizer dele depende de sua experiência imediata: “foi um homem que me curou e me mandou andar”, “é profeta”... Quanto ao enfermo, no Templo, só pode apontar Jesus como o “culpado” – ele “volta à tradição” e permanece, então, “sem conhecer/reconhecer” Jesus. Quanto ao cego, expulso da sinagoga, e, assim, “antropológica e psicologicamente aberto à fé”, supera a tradição – que nega Jesus – e, então, “vê”. Para ele, o “sinal” faz-se efetivo “sinal”. Para o enfermo, mera cura ininteligível. Estamos, aqui, diante da encenação plástico-narratológica da afirmação teológico-proposicional de Jo 1,9-12: “os seus” não reconheceram Jesus, porque, agarrados à tradição, não tinham olhos para os sinais. “Quanto a nós”, argumenta o Prólogo, “nós recebemos a luz”, “nós a vimos”, “nós passamos a... enxergar” (cf. Jo 1,9-12 x Jo 9,5).

Há, nesse sentido, uma íntima e programática articulação entre o Prólogo (Jo 1,1-18), a narrativa das bodas de Caná (Jo 2,1-11) e as duas narrativas analisadas – Jo 5,1-18 e Jo 9,1-41. No prólogo, profere-se a proposição teológica que define a situação história da comunidade: nós cremos, e vimos a Luz – eles não creram, não reconheceram os sinais, nem quem os fazia, de modo que permaneceram sem ver: e é exatamente por isso que nos expulsaram – porque não enxergam. Cegos, eles

⁸ MATEOS e BARRETO levam a sério a citação, como que “de Jesus”, isto é, interpretam-na como uma ratificação do próprio Jesus em face da situação do “enfermo” (MATEOS e BARRETO, p. 255-256). Já Königs observa apenas que “é comum associar pecado e doença (cf. Jo 9,2)” (KÖNINGS, p. 155).

permanecem na tradição. Quanto a nós – saímos para a Luz, e nos tornamos filhos...

“As Bodas de Caná” encenam como é possível que sinais ocorram diante dos olhos de todos, e apenas alguns os enxerguem. Não fora assim naquela festa? Jesus não transformara a água em vinho?, não se bebeu daquele vinho?, não se soube que ele era, ao contrário dos costumes, o melhor? E, contudo, quem – de fato – apercebeu-se do “milagre”? Assim como a “glória da Palavra” esteve entre todos, mas nem todas a viram, também os sinais foram feitos no meio de todos, mas só os abertos à fé os enxergaram.

E por quê? Por que apenas os abertos à fé – e não todos – enxergavam os sinais? Porque aqueles que permanecem agarrados à tradição não podem “ver”. É a tradição, os costumes, a “lei” – são essas prisões que impedem os homens e as mulheres de “verem”. Antes de “verem”, antes de enxergarem – também os sinais! – é preciso ir, primeiro, ao Enviado, deixar-se lavar os olhos, retirar toda a lama – a tradição! Aí, sim, se pode ver – como “nós” vimos...

Jo 1,1-18, 2,1-11(12), 5,1-18 e 9,1-41 constituem peças articuladas de um esforço de argumento “para dentro” da comunidade. São “apologéticas”. São perícopes que têm por função estabelecer as bases inteligíveis da situação da comunidade. Numa palavra: dar a saber por que a comunidade creu, ao passo que seus vizinhos, amigos, parentes, não. O culpado? Justamente a força que os podia fazer retornar – a tradição, de onde saíram, que ainda corria e suas veias, e que apelava, dia e noite, para seu retorno.

Referências Bibliográficas

- BROWN, R. E. *A Comunidade do Discípulo Amado*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1984.
- KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João. Amor e Fidelidade*. São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2000. 452 p.
- MATEOS, J. e BARRETO, J. *O Evangelho de São João - análise lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989. 919 p.
- RIBEIRO, O. L., Das Bodas de Caná – uma aproximação à luz do Prólogo de João, *Revista Jesus Histórico*, v. 2, 2009. Disponível em <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos3/Osvaldo.pdf>.
- SCHÖKEL, L. A. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.